



NARRATIVAS DE JOVENS HOMENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE MASCULINIDADES E SUA (RE)CONSTRUÇÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NA CIDADE DE ERECHIM/RS.

TATIANE FÁTIMA LAPINSKI ^{1,2*}, IVONE MARIA MENDES SILVA^{2,3}

1 Introdução/Justificativa

A presente pesquisa busca analisar as narrativas de jovens que frequentam uma universidade pública do Rio Grande do Sul sobre suas masculinidades e sua (re)construção no contexto universitário. Na sociedade atual, permeada por desigualdades e preconceitos, percebe-se a relevância de como pesquisadores problematizarmos esta temática, pois o *ser homem* ainda é associado a um conjunto de características específicas, a estereótipos que naturalizam um modelo de masculinidade hegemônico desconsiderando ou tratando com preconceito as múltiplas masculinidades. Esse modelo hegemônico, faz parte do que Connell e Messerschmidt denominam masculinidade hegemônica, a qual possui diversos significados, entre estes estabelece preceitos e normas considerados masculinos que devem ser seguidos pelos homens, para confirmar sua masculinidade (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013), são atitudes, comportamentos que são esperados dos homens em uma determinada sociedade.

Neste contexto, pesquisas no meio universitário tornam-se relevantes, pois a universidade consiste em um espaço de encontro de diversas masculinidades. Assim, a partir da convivência estes jovens vão descobrindo novas possibilidades identificatórias, refletindo sobre questões muitas vezes desconhecidas para eles.

Na última década, houve um crescimento dos estudos sobre gênero e sexualidade masculina, no entanto, considerando as publicações nacionais, ainda existem poucas pesquisas que abordam esta temática, principalmente há “pouca informação sobre o que os homens jovens pensam a respeito desses assuntos” (REBELLO; GOMES, 2009, p.654).

1Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim, Bolsista do PIBIC/CNPq e da UFFS, contato: tatilapinski@gmail.com

2Grupo de estudos “ Processos identitários e relações de gênero”, vinculado ao Grupo de Pesquisa GEPASE.

3Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Professora Doutora da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim, **Orientadora**.



2 Objetivos

O objetivo da presente pesquisa é analisar as narrativas produzidas por jovens homens universitários sobre masculinidade(s), buscando compreender de que maneira as relações estabelecidas e experiências vivenciadas na universidade têm influenciado na construção de suas masculinidades. Para isso, pretende-se a partir da pesquisa, investigar o que os jovens entendem por “*ser homem*”, buscando identificar as formas de viver e representar as masculinidades que eles consideram legítimas para si e para os outros; investigar as relações que estes universitários estabelecem entre masculinidades e feminilidades; bem como, analisar e problematizar a questão de gênero relacionada a escolha profissional realizada por eles.

3 Material e Métodos/Metodologia

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa exploratória. Dessa forma, inicialmente realiza-se uma pesquisa bibliográfica, e na sequência, o trabalho de campo, a partir da realização de grupos focais.

Em relação ao trabalho de campo, foi realizado um grupo focal em uma sala da Universidade, com duração de uma hora e meia, no qual quatro jovens universitários que cursam pedagogia puderam produzir suas narrativas, a partir de um “guia de temas” formulado pelas pesquisadoras, e das questões surgidas a partir das discussões. De acordo com Debus, o pesquisador no grupo focal, “baseia-se na interação do grupo, inclusive nas divergências de opiniões, para coletar os dados” (1988, p. 41). Após a realização do grupo focal, os dados produzidos foram transcritos, na sequência foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e comparados com os achados obtidos na revisão bibliográfica. Para a gravação e transcrição do grupo focal foi solicitada permissão dos participantes, apontando que, para identificá-los nas publicações derivadas da pesquisa serão utilizados nomes fictícios, garantindo o sigilo da identidade pessoal. Estas e outras informações estavam descritas no termo de consentimento assinado pelos participantes no dia do grupo focal. Por fim, o projeto foi enviado para o Comitê de Ética da UFFS, sendo aprovado.



4 Resultados e Discussão

A pesquisa realizada foi de extrema importância, pois possibilitou espaço para que os jovens participantes do grupo focal pudessem dialogar e trocar experiências envolvendo esta temática. Segundo os jovens universitários, discussões envolvendo gênero e sexualidade ainda são escassas, mesmo sendo tão relevantes principalmente no meio acadêmico. De acordo com Alex, o grupo focal foi o primeiro espaço de debate sobre estes assuntos desde que ele chegou na universidade, Alex destacou que estes temas são abordados em conversas informais nos corredores, mas em questão de instituição, ainda é um tema pouco presente. Em relação às experiências vivenciadas na Universidade, Vinícios apontou uma situação em que ele usou uma expressão pejorativa em referência ao órgão sexual feminino e uma colega o questionou em relação ao feminismo, a partir dessa situação ele destacou não saber o que tinha de errado em falar estas palavras, mas sentiu necessidade de se aprofundar sobre o tema e compreender o que é feminismo. Já Mateus, destacou que escolheu pedagogia e encontrar um pedagogo na graduação motivou-o a continuar no curso. Dessa forma, percebe-se que as experiências e aprendizados vivenciados na universidade possibilitam aos jovens repensarem sobre suas concepções, influenciando assim na construção de suas masculinidades. Sendo que, “ as masculinidades não são simplesmente diferentes entre si mas também sujeitas a mudanças”. (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p.248),

Como resultados, em relação ao ser homem, a maioria dos jovens afirmou que ser homem é uma construção social, “ninguém nasce homem, mas torna-se homem” (Alex), inspirando-se na frase de Simone de Beauvoir. Assim, segundo Carlos “a questão do ser homem é o que você vai aprendendo e construindo no seu dia a dia”, a partir da interação com diferentes agentes sociais, com os modelos e referenciais socioculturais presentes em cada contexto. Levando em consideração que não são propriamente as características sexuais, mas a forma que estas características são representadas em uma determinada sociedade em um dado momento histórico, que vai determinar o que é ser homem e o que é ser mulher. (LOURO, 1997).

Contrapondo-se aos demais, Vinícios apontou que os indivíduos nascem homens, destacando o ser homem como algo determinado biologicamente, mas também, que aprendem a *ser homem* no seu dia a dia. Assim, constata-se que podem existir diferentes



posicionamentos em relação ao *ser homem*. No entanto, percebe-se que este participante revela não ter muita proximidade em relação aos debates sobre gênero, o que é confirmado por ele mesmo quando questiona se possui conhecimento necessário para entrar nessas discussões.

Ser homem ainda significa, de acordo com Carlos e Alex ser dotado de certos privilégios, impostos pelos próprios homens historicamente, e assim ter vantagens em relação às mulheres, o que também caracteriza a masculinidade hegemônica, que legitima a subordinação das mulheres aos homens (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013). Os participantes da pesquisa questionam esta subordinação apontando a importância de mais igualdade entre homens e mulheres, como também sobre a importância de refletir sobre as atitudes machistas ainda naturalizadas em nossa sociedade, que acabam dando privilégios aos homens.

Em relação a questão de gênero e a escolha profissional realizada pelos participantes, sendo a pedagogia um curso considerado de mulher, os jovens universitários apontaram o ser homem no curso de pedagogia como um campo de preconceitos e privilégios. Privilégios, destacados por alguns dentro da universidade, Carlos aponta que por ter poucos homens em meio a muitas mulheres eles conseguem acessar algumas coisas mais facilmente. Em relação aos preconceitos, todos os participantes destacam que muitas escolas acabam não aceitando pedagogos, pois acredita-se que por serem homens não saberão cuidar das crianças, ou que estão cursando pedagogia para atuar na gestão escolar. De acordo com Louro “[...] embora professores e professoras passem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar, estabelecem-se funções e expectativas diferentes para eles e para elas.” (1997, p.95)

5 Conclusão

Portanto, percebe-se que a maioria dos jovens universitários compreendem o *ser homem* como uma construção social. As narrativas produzidas por eles apontam experiências em que sua masculinidade foi questionada, como por exemplo, em relação a escolha profissional realizada por eles. No entanto, o espaço universitário permitiu que estes jovens percebessem que este preconceito faz parte de um padrão construído historicamente. Possibilitando assim, que eles reflitam e repensem o ser homem na sociedade



contemporânea, envolvendo a compreensão das múltiplas masculinidades e das relações destas com as feminilidades, como também que almejem uma sociedade em que a desigualdade seja rompida e a identidade de cada um seja respeitada.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CONNELL, Robert W.; MESSERCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica repensando o conceito. **Revistas Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.1, p.241- 82, 2013.

DEBUS, Mary (org). **Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales**. Pennsylvania: University of Pennsylvania/ Applied Communications Technology, Needham Porter Novelli, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista- Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza; GOMES, Romeu. Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.653-660, 2009.

Palavras-chave: Masculinidades; gênero; identidade; juventude; universidade.

Financiamento: PIBIC/UFGS